

Cascata de Pernes — Desenho de Christino — Gravura de Pedroso

A villa de Pernes dista 12 kilometros de Santarem para o norte. Está situado na descida de um monte arborisado e fresco, por causa de dois rios que o cercam; o maior e mais caudaloso é o Alviella, onde se pescam muitos peixes saborosos. É breve o curso d'este rio, porque a tres ou quatro legoas de jornada perde o nome, entrando no Tejo, depois de fertilisar parte do campo que está junto á ponte de Alviella. Nasce n'uns olhos de agua, onde tem um sorvedouro, que tudo o que lhe lançam engole, e logo em penedos o despedaça. O outro rio por pequeno não tem nome, e é tão pobre de cabedal, que muitas vezes no verão sécca, porém com as enchentes do inverno é mui soberbo. De muitos engenhos, hortas, pomares e arvoredos é povoada esta fertil e amena ribeira.

O logar de Pernes, um dos mais celebres que tem Portugal, é povoação do tempo dos moiros, e d'elle fazem menção as chronicas d'este reino, que dizem viera el-rei D. Affonso Henriques de Coimbra com tenção de tomar Santarem, e estando em Pernes descobrira o seu intento aos companheiros e soldados.

A nossa estampa representa a cascata que formam os olhos de agua que dão nascente ao Alviella, segundo deixâmos referido.

Ao lapis do professor Christino devemos o desenho d'esta catadupa, tão singular como pouco conhecida.

CHRONICAS DO POVO

II

O SERVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Conclusão. Vid. pag. 394)

VIII

Tinham decorrido muitos mezes. Começava o sol a baixar no horisonte, e os seus ultimos clarões illuminavam alegremente a floresta de Vaujour; não se ouvia porém nos campos nenhum dos ruidos que lhes dão animação n'estas horas. Nem vozes de chamada, nem balidos de gado, nem toques de sino a lembrarem a oração das ave-marias.

Os campos estavam desertos, as casas fechadas e

silenciosas, parecia que uma grande desgraça pesava n'aquelles sitios.

Esta desgraça era a guerra, e a mais horrorosa de todas, guerra em que os inimigos fallam a mesma lingua e se tem abraçado na vespera ainda, guerra de visinhos, finalmente.

A venda feita pelo conde Raul ao duque de Vaujour não tardou que não suscitasse questões entre os dois senhores. Cada um se queixava da má fé do outro; das explicações passaram ás injurias, e das injurias ás armas.

O duque foi o primeiro que declarou a guerra. Entrou no territorio do visinho, destruiu-lhe as searas, queimou as povoações, e matou-lhe o maior numero de servos que póde.

O conde Raul, querendo usar de represalias, convocou os seus vassallos, e João, que acabava de perder seu pae, apresentou-se armado no sitio que lhe disseram.

O conde dividiu a sua gente em muitos bandos, que subjeitou ao commando de homens de armas a quem dera as suas instrucções em particular. O moço mercador entrou no mais numeroso, e no momento em que continuámos a nossa narração, dirigia-se com os seus companheiros de armas para Clairai.

Os vassallos do conde Raul marchavam em desordem lançando para todos os lados olhares inquietos, como se receassem alguma emboscada, e perguntavam devagarinho uns aos outros qual era o fim d'aquella expedição. João, que ia na retaguarda, foi repentinamente interpellado por um pescador da lagoa de Rillé, que, na qualidade de vassallo e de rendeiro do conde, tambem fôra obrigado a marchar.

— Então, perguntou elle, sabes o que querem fazer de nós?

— Nada bom de certo, disse-lhe João.

— Parece-me que vamos tratar Clairai como o senhor de Vaujour tratou as nossas povoações.

— E que ganharemos nós com isso a não ser a desgraça de parentes e amigos?

— Tens razão, rapaz; mas que se lhe ha de fazer? O vassallo é obrigado a pegar em armas quando o seu senhor determina.

— Exactamente, disse João; e se recusa é condemnado como cobarde e traidor, porque não póde dominar os seus odios. A um signal, a uma palavra, o seu visinho de hontem transforma-se em inimigo hoje, e isto sem que se saiba a razão. É preciso que perfilhe todos os rancores de seu senhor, que fira onde este lhe mandar ferir.

— Felizmente não tenho ninguem da minha familia nos dominios de Vaujour, acrescentou o pescador.

— Nem eu, segundo espero, acrescentou João.

— Mas, agora me lembro, e tua prima Catharina?

— Está ao serviço da filha do duque. Reside no mesmo castello, onde nada ha que receiar.

Enganas-te, João, disse-lhe uma voz.

O rapaz voltou-se rapido, e deu de cara com o intendente.

— Como é que o sabeis?

— Pelos espiões, que andaram pelas terras de Vaujour. Catharina foi ter com sua mãe, que se acha doente.

— No viveiro? acudiu João, eu corro.

— É inutil.

— Que!...

— A tropa commandada por Pedro já se encaminhou para lá com ordem de queimar tudo.

— Pois será possivel?...

— E quando fosses já chegavas tarde; olha!

João levantou a cabeça; com effeito as chammas illuminavam o horisonte dos lados do viveiro.

O rapaz soltou um grito, e deitou a correr pelo cerrado fóra na direcção do incendio.

Em breve reconheceu que as cabanas estavam já em chammas; pareceu-lhe ouvir gritos. Fazendo um ultimo esforço, venceu rapidamente o espaço que lhe restava para percorrer, e chegou á porta de sua prima.

As chammas começavam apenas a serpejar no comprimento do tecto de palhoça; João, desorientado, atirou-se para dentro da cabana, mas, ao entrar, escorregaram-lhe os pés no sangue, e foi caír sobre um cadaver estendido no chão.

Era Catharina!

. . . .

D'ahi a um mez, João tomava o habito de noviço no convento dos franciscanos de Tours.

No dia em que desceu á cerca pela primeira vez, veiu um frade ter com elle, e perguntou-lhe se o reconhecia. Era o mesmo que dez annos antes, estando noviço apenas, lhe aconselhára que entrasse para o convento. Quando reparou na pallidez d'aquelle rosto, triste e sulcado pela desgraça, o joven religioso disse-lhe abanando a cabeça:

— Já vejo que tivestes tristes experiencias na vida.

— E depois d'essas tristes e longas experiencias, reconheci que só no convento estava o verdadeiro porto, acrescentou João. Fóra d'aqui, por toda a parte, a servidão tem alguns restos de cadeias que nos prendam; a emancipação encontra-se aqui sómente, aqui se recupera a dignidade do homem. Até ha pouco tempo considerava eu os conventos só como casas de oração; mas vejo agora que tambem são hospicios para os corações afflictos. No meio d'esta sociedade, barbara ainda, baseada nos direitos do mais forte, os mosteiros são como aquellas altas montanhas onde se refugiam os vencidos para escapar á servidão. Quando o egoismo e a violencia embrutecem a multidão, aqui se conserva ainda a sacratissima herança da sciencia, da justiça e da liberdade.

— E podeis acrescentar, meu irmão, que esta herança se espalhará d'aqui para toda a terra, disse o frade. Chegará um dia em que a fraternidade que nós prégâmos constituirá a lei geral; em que as sociedades dos homens serão grandes communas com todos os cidadãos eguaes, e onde só hão de governar chefes que forem livremente eleitos pela vontade de todos. É a esta grande obra que nós devemos consagrar todos os nossos esforços e orações.

— Se assim for, disse João, por que não haviamos nós de ter vindo alguns seculos depois; para que havemos de amassar com suor de sangue o cimento de um edificio que só outros hão de aproveitar?

— Sabeis vós, meu irmão, porventura, quanto padeceram aquelles que nos construiram este onde podêmos descançar agora, e julgaes, talvez, que não soffreram mais os primeiros christãos que proclamaram a liberdade dos homens, e a sua egualdade perante Deus? Quantos morreram despedaçados pelas feras ou pelos açoites do carrasco, em quanto o escravo antigo se não converteu no servo dos nossos tempos? Não accuseis a Providencia, mas admirae antes como destinou trabalho para cada geração, progresso para cada epocha. O escravo não tinha outr'ora refugio que não fosse a sepultura; hoje encontra o servo um retiro nas nossas paredes. Não nos lastimemos, meu irmão, pensemos porém em apressar a regeneração do mundo.

— E como? — perguntou João.

— Prégando a emancipação com toda a força, respondeu o frade, fazendo comprehender aos poderosos, que estiverem proximos a comparecer perante Deus, que este Deus não distingue os senhores dos servos; fazendo finalmente com que desappareça de todo a posse do homem pelo homem, ultima herança de um paganismo iniquo e brutal.

— Deus vos oiça, meu irmão, e me permitta trabalhar tambem em similhante obra.

— Podeis fazel-o, replicou o frade, agora que trajaes o habito dos obreiros evangelicos.

— E contaes com bom resultado, meu irmão?

— Conto com a palavra de Christo, lhe tornou o frade. Christo disse: *Bemaventurados os que choram, porque elles receberão conforto.*

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 399)

Nas aguas de Sofala correu a nau que levava os japões um dos mais frequentes perigos d'aquellas paragens, que é ser levado á costa pelo impeto do mar que alli tem muitas correntes e remoinhos. O auctor descreve por menor os horrores d'esta nova tempestade, que, sem fazer victimas, amainou por intercessão da Virgem Maria, a quem o capitão offereceu a ancora e a amarra do navio.

Serenada a tempestade, chegaram a 18 de agosto ás ilhas de Angoxa, e a 31 abocaram o porto de Moçambique com alvoroço e prazer geral.

Depois de descançarem alli tres dias, e de se refazerem de vitualhas, desferiram véla; mas como tinha passado a monção para a India, acharam a corrente contraria e muito violenta, e que os ventos eram fracos; pelo que foram forçados a surgir de novo no porto de Moçambique para invernar alli, e aguardar a estação propria. Desembarcando foram cumprir as promessas feitas no golpho de Sofala, dirigindo-se para esse fim a pé descalço á egreja de Nossa Senhora da Fortaleza, diante de cujo altar satisfizeram seus compromissos, e renderam graças. Recebeu-os o governador D. Jorge de Menezes com agrado, e tratou-os lauta e honradamente em quanto alli se detiveram, o que foi até março do seguinte anno de 1587.

Como porém todas as outras naus da frota tinham chegado a Goa, a falta da nau S. Filippe, em que os japões navegavam, poz em grande sobresalto e tristeza a toda a cidade. Então o P. visitador tratou com o vice-rei de expedir um galeãosinho muito veleiro a Moçambique, onde os suppunham detidos, com aviso do mesmo vice-rei ao governador, para que se lá estivessem os mandasse n'elle, e os fornecesse de todo o necessario durante a sua detença, e para a navegação, á custa da real fazenda.

Grande foi o alvorôço á chegada d'este navio, sem o qual teria sido incerta a navegação na primeira monção de março, porque entrando alli depois d'elles a nau S. Lourenço com agua aberta, e muito desfeita, o capitão da S. Filippe baldeára n'esta a carregação d'aquella, e se fizera de véla para Portugal. A 13 de março pois, do anno de 1587, estavam de verga de alto, e despedindo-se com muitas acções do governador, largaram de Moçambique para a India. Apenas tinham saido do porto, subitamente rompeu o tempo tão furioso, que a fusta no mesmo ponto metteu um lado debaixo de agua, enchendo a todos de repentino espanto, por se verem quasi a sumir-se com ella nos abysmos do mar. Mas escaceando o vento cessou o perigo, e passada a linha, como ventava para Melinde, a força da agua os empuxava para Magadoxo, capital d'aquelle reino, lançaram ferro na enseada d'esta cidade, onde fizeram pouca detença. Encontraram alli um pangaio portuguez mandado pelo capitão da costa de Melinde ao vice-rei da India, com a noticia da victoria ganha pelas nossas armas sobre os moiros, que tinham recebido o castigo merecido pelos grandes damnos causados aos portuguezes. E como este pangaio, por mui veleiro, devia surgir em Goa muito antes do galeãosinho, deram os japões ao capitão d'elle cartas para o P. visitador, com o que muito se alegraram. Não faltaram no progresso da navegação muitas difficuldades e trabalhos; comtudo a 29 de maio deram vista de uns recifes a que chamam Queimados, e distam de Goa doze legoas. Dois dias depois abicavam no porto da metropole do lusitano imperio indico, onde com indizivel alvoroço e geral applauso foram por todos recebidos e festejados.

Era então vice-rei da India D. Duarte de Menezes, da esclarecida familia dos marquezes de Villa-Real, o qual se assignalára no governo da praça de Tanger, e no exercito com que D. Sebastião passára á Africa. Para desenfado pois de tão illustres hospedes, e por lhes fazer honra, regalou-os o vice-rei com um jogo de cannas, que para isso ordenou; mandando pagar 2:000 cruzados que o governador de Moçambique com elles gastára, ao que juntou um cavallo arabio para cada um dos quatro japões, que el-rei lhes mandou dar, todos formosos e bem ajaezados, e mais 150 cruzados por mez, durante os onze que alli se detiveram. Passaram este tempo em digressões, festas, e exercicios academicos. O seu contentamento porém subiu de ponto com as cartas recebidas do Japão, que lhes denunciavam as victorias de Luambacundono, que em breve espaço sujeitára ao seu poder os reinos do Japão, de que se fizera senhor supremo, protegendo os missionarios e os christãos, sem ceder n'esta parte a Nobunanga. Trataram pois, segundo o conselho contido n'aquellas novas, de haver do vice-rei cartas e presentes para Luambacundono com missão de lh'os apresentarem em seu nome por el-rei de Portugal.

Feitos todos os apprestos para a restante navegação, desaferraram de Goa, saudosissimos, a 22 de abril de 1588, n'uma nau de Ayres Gonçalves de Miranda, que os agasalhou com o primor e bizarria de portuguez e fidalgo, de velho amigo dos japões e suas coisas, levando com elles o P. visitador, e dezesete padres e leigos, que se iam dedicar a pastorear a grei de Christo entre os povos d'aquelle remotissimo imperio.

Aos setenta dias de viagem surgiram no porto de Malaca, em que se detiveram doze dias, no collegio da Companhia, como em Goa. Seguiram depois para Macau, onde chegaram a 11 de agosto do mesmo anno.

Repete aqui o auctor o que já no colloquio XXXII, e n'outros, dissera do muito que o Oriente, e o Japão especialmente, deviam aos portuguezes e aos missionarios da Companhia, não sabendo se era maior n'aquelles o ardor com que navegavam para a India, e lidavam alli por estender os dominios da Cruz, se a dedicação d'estes em se sujeitarem gostosamente a todos os trabalhos da evangelisação n'aquellas partes, em que não havia necessidade nem perigo que não corressem e padecessem. E de certo, se não fôra o acrisolado zelo d'estes incançaveis obreiros, e dos das outras ordens regulares; se não fôra o zelo dos senhores reis de Portugal, que fazia não olharem a gastos, com tanto que dilatassem e amparassem as missões do seu padroado, não sabemos como nos teriam legado a tão preciosa joia engastada na sua real coroa, agora tão descida dos quilates do seu antigo valor, em razão das vicissitudes dos tempos, que hoje realçam e ao outro dia abatem as nações e os imperios, uns após outros.

(Continúa) A. J. F.

TUMULO DO SEGUNDO CONDE DE MIRANDA

Diogo Lopes de Sousa, segundo conde de Miranda, descendente de uma das mais antigas e illustres familias de Portugal, e ascendente dos srs. duques de Lafões, nasceu em Lisboa a 17 de junho de 1582.

Fez com muita distincção a campanha de Flandres,

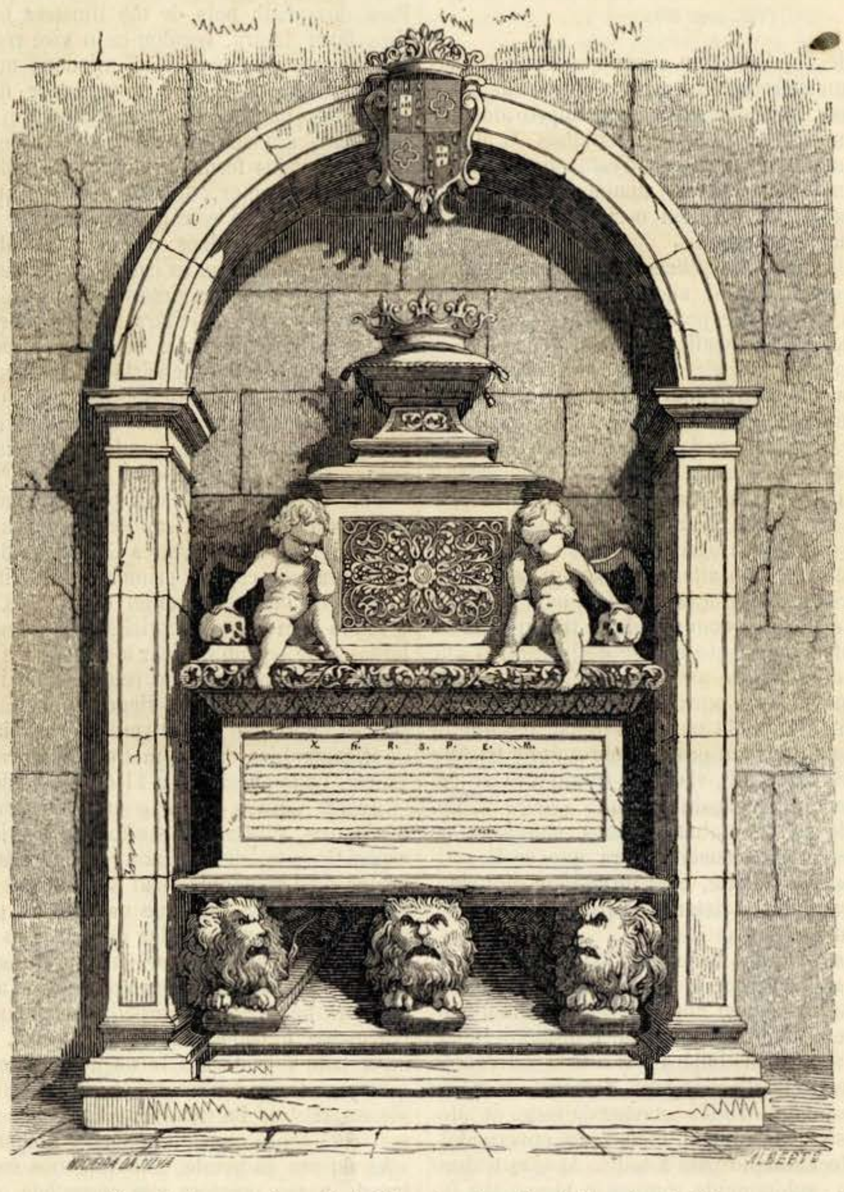
na guerra que se accendeu entre a Hespanha e a Hollanda em 1606.

Sendo governador das armas e justiças do Porto, fez serviços importantissimos a esta cidade e ao paiz. O seu governo ficou alli commemorado pela extirpação de muitos abusos, pela distribuição imparcial da justiça, e pelo sumptuoso palacio da Relação, edificado por sua ordem, e que é um dos melhores edificios do reino.

Não prestou menor serviço ao paiz na rapidez com que arranjou e armou onze navios para a expedição enviada de Lisboa á restauração da cidade da Bahia, que se achava em poder dos hollandezes.

Foi presidente do conselho da Fazenda desde 1632 até 1638, em que partiu para Madrid, chamado por Filippe IV, que reconhecendo os seus sentimentos patrioticos, procurou afastal-o de Portugal, assim que appareceram os primeiros signaes do grande movimento nacional de 1640.

Infelizmente, o conde de Miranda recebeu estando



Tumulo do segundo conde de Miranda — Desenho de Nogueira da Silva

enfermo, a noticia da revolução que libertou a patria do seu captiveiro de 60 annos; e passados poucos dias expirou (27 de dezembro de 1640).

Foi depositado o seu corpo no convento das trinas descalças, e em 1646 foi transportado a Lisboa, e d'aqui levado ao convento de S. José de Riba-mar, proximo de Pedroiços, onde esteve em deposito até 1691. Em maio d'este anno foi trasladado para o magnifico tumulo que lhe mandou erigir seu filho, D. Luiz de Sousa, cardeal arcebispo de Lisboa, na egreja de Santa Maria da Victoria, na villa da Batalha.

Ergue-se este mausoleo na capella de S. Miguel, que é a ultima do lado da epistola. Está mettido em um arco, que se abre no grosso da parede da dita capella, da parte tambem da epistola.

O tumulo do conde de Miranda não desdiz da sumptuosidade do templo del-rei D. João I. É construido de marmore preto e branco, e decorado com obra de esculptura e de mosaico, de muita belleza e primor.

Seria superfluidade descrevel-o, á vista da gravura que o representa. Bastará dizer que tem de altura, desde a base até á coroa que lhe serve de remate, pouco mais de dez metros. No alto do arco está o brazão de armas da familia dos condes de Miranda, marquezes de Arronches e duques de Lafões.

I. de Vilhena Barbosa.